

ALVES, Jorge Santos (dir.). Fernão Mendes Pinto and the Peregrinação: studies, restored Portuguese text, notes and indexes. Lisboa: Fundação Oriente/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010 (4 vols.)

## Fernão Mendes Pinto, como nunca antes visto

Luís André Nepomuceno \*

Edições da **Peregrinação**, de Fernão Mendes Pinto, têm se multiplicado nos últimos anos, especialmente depois de algumas publicações referenciais como a de Adolfo Casais Monteiro, levada a estampa em 1952-53 (em Lisboa, pela Sociedade de Intercâmbio Luso-brasileiro e, no Rio de Janeiro, pela Editora da Casa do Estudante), e republicada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, em 1983, na Coleção “Biblioteca de Autores Portugueses”; ou a de António José Saraiva, que saiu entre 1961-1984, em 4 volumes, pela Livraria Sá da Costa Editora.<sup>1</sup> E desde o século XIX que se vem tentando recuperar o texto complexo de Mendes Pinto, a partir da edição *princeps* de 1614, aos cuidados do famoso editor Pedro Craesbeeck, também essa uma edição problemática, pois que revisada e alterada pelo cronista real Francisco de Andrade, que dividiu os capítulos do texto original e escreveu os enunciados. A tarefa, portanto, é inglória, senão impossível, uma vez desaparecido o manuscrito autógrafo. No entanto, e ao mesmo tempo, a recuperação das lições originais do texto de 1614 foi seriamente levada a cabo pela mais recente edição do livro de Mendes Pinto.

Circulando com apenas 750 cópias, e com estudos e notas em inglês, certamente para maior alcance de público além dos consumidores em Portugal (o livro é pouco estudado no Brasil), a edição crítica que saiu impressa aos cuidados de Jorge Santos Alves é, antes de qualquer coisa, um dos maiores

---

<sup>1</sup> No Brasil, a única edição disponível é a que reeditou a versão em português moderno de Maria Alberta Menéres, em 2 volumes ( no Rio de Janeiro, pela Editora Nova Fronteira, 2005), que, embora simples, é didática e tem atendido às necessidades do público brasileiro. A edição original de Menéres é das Edições Afrosite, de 1971. (Cf. FARIA, 1992, pp. 57-61)

\* Centro Universitário de Patos de Minas – UNIPAM.

tributos já pagos ao gênio de Fernão Mendes Pinto. Afinal, editar um livro desse porte significa não apenas recuperar as lições de seu texto original (o que já não é pouco para uma boa edição), mas também dar a conhecer o vórtice excepcional de informações e nomes que se espalham pelas suas 800 páginas de histórias e mais histórias sobre o Extremo Oriente, durante a expansão do império português naquelas terras.

Os quatro volumes da edição de Jorge Santos Alves assumem toda essa responsabilidade e um pouco mais: o primeiro volume contém ensaios interpretativos da obra e da biografia do autor; o segundo, a reprodução do texto integral, restaurado conforme a edição de 1614; o terceiro (talvez a grande novidade da edição) contém pelo menos 300 páginas de notas explicativas ao texto; e o último volume apresenta os índices. Ao todo, mais de 1600 páginas de trabalho robusto a revelar os desafios e as imensas dificuldades filológicas e históricas que o texto apresenta. É edição para um leitor especializado, atento e profundamente envolvido com a dinâmica da história do império marítimo português nas terras do Oriente.

Os 15 ensaios do primeiro volume estão divididos em quatro grupos temáticos, a considerar o interesse e o alcance da obra e do autor na história ou nos estudos linguísticos: no primeiro grupo, conhecemos, sobretudo pelos estudos de Jorge Santos Alves e Luís Felipe Barreto, certa dimensão biográfica de Mendes Pinto e as redes de conexão do autor com os círculos portugueses de influência política em países do Oriente, seja como rico investidor e comerciante em Malaca e na China, seja como amigo de Francisco Xavier e jesuíta leigo em 1554, inclusive acompanhando comitiva missionária do Padre Nunes Barreto ao Japão, dois anos depois; no segundo, os autores mostram o vasto conjunto de visões da Ásia contidas na **Peregrinação**, como livro de dimensões históricas, políticas, econômicas, sociais e religiosas; no terceiro, os estudos se voltam para as fontes, diálogos e relações de intertextualidade contidas no livro, de que se faz menção o estudo de Rui Loureiro sobre a “missão impossível” de rastrear as fontes e leituras historiográficas de Mendes Pinto; e por fim, no quarto grupo, de natureza filológica, autores se debruçam sobre o complexo universo das questões linguísticas que envolvem o livro, incluindo o vocabulário das línguas orientais e os termos livremente criados pelo autor.

No todo, o conjunto mostra-se regular e coerente, harmonizando e equilibrando os novos conhecimentos da biografia do autor com os impactos disso nas análises críticas da **Peregrinação**. O ensaio de Luís Felipe Barreto,

por exemplo, não apenas aprofunda o conhecimento que sempre se teve sobre a relação de Mendes Pinto com os jesuítas, mas também projeta no rico mercador das terras chinesas um verdadeiro arquiteto na relação entre missionários inacianos e mercadores portugueses, informações que se encontram estampadas em diversos documentos da época, especialmente nas cartas de padres missionários e do próprio Mendes Pinto, à época de seu noviciado na Companhia de Jesus (CATZ, 1983).

No segundo volume da coleção, Elisa Lopes da Costa propõe o que considera o texto restaurado da **Peregrinação**, partindo da referida edição de 1983 de Casais Monteiro e cotejando-a com o texto original de 1614, evidenciando numa única página os critérios filológicos da publicação, e recuperando no livro de Mendes Pinto centenas de palavras ausentes da edição de Monteiro e pelo menos umas 40 frases que igualmente haviam se perdido. É de estranhar que, frente a essa paga da dívida com o livro e com o autor, não se tenha inserido na página inicial o título completo, gigante na primeira edição, que, embora muito provavelmente não tenha sido pensado por Mendes Pinto, é uma curiosa referência histórica que define o gosto e as tendências do leitor do séc. XVII, quando a literatura de viagens ainda movimentava o incipiente mercado editorial na Europa do Renascimento (CRISTÓVÃO, 2002, pp. 26-29).

É com o terceiro volume da coleção que entendemos estar efetivamente frente a um quadro diferenciado de esforços. A **Peregrinação** é um livro de grandes dimensões em todos os seus aspectos e, por séculos, foi recebido de forma questionável por muitas gerações de leitores, seja como historiografia, que ele não é, seja como fantasia extravagante e destituída de validade histórica, coisa que ele também não é. Depois dos estudos de G. Le Gentil (1947), o livro vem sendo cada vez mais compreendido como modelo de historiografia romanceada, numa fórmula única para o Renascimento português, em que o autor transita entre o factual, o biográfico e o imaginado – portanto, muito diferente do que andavam produzindo João de Barros, Diogo do Couto, Damião de Góis ou Gaspar Frutuoso. O volume 3 da coleção de Jorge Santos Alves, resultado de ampla pesquisa a cargo de pelo menos 20 historiadores, promete respeitar o livro como referencial historiográfico, motivado, contudo, por uma narrativa essencialmente literária, que pode ou não partir de fatos históricos, sempre a considerar as imprevisíveis intenções de Mendes Pinto. As notas explicativas dão conta de um universo particularizado da historiografia oriental, não apenas desconhecido de boa parte do público leitor da **Peregrinação**, mas,

sobretudo, pouco pesquisado para o entendimento do que é e do que não é historiografia no livro do escritor português.

Com o vulto excepcional de informações ali contidas, já se pode pensar numa Fernão Mendes Pinto Encyclopaedia, ou num Dicionário de Fernão Mendes Pinto, a exemplo do que se vem fazendo com outros grandes nomes da literatura. Sim, trata-se do escritor de um livro só, mas ali dentro, proliferam pequenos livros: as embaixadas portuguesas na Ásia Extrema, a vida de corsário de António de Faria, a vida no interior da China, a descoberta do Japão, as batalhas políticas de países orientais, as missões católicas em terras japonesas, etc. O leitor moderno da **Peregrinação**, portanto, seja ele especializado ou não, precisa ser conduzido por um referencial de profunda natureza explicativa e informativa, que o envolva no mundo do aventureiro português.

Nesse sentido, os seis mapas ilustrativos que compõem o volume 3 da coleção revelam-se bem pouco esclarecedores, e continuam deixando uma evidente lacuna nos estudos referentes ao itinerário de Mendes Pinto e à visualização cartográfica desse percurso, tarefa iniciada por João António Mascarenhas Júdice (Visconde de Lagoa), em seu trabalho “**A Peregrinação** de Fernão Mendes Pinto. Tentativas de reconstituição geográfica”, publicado pelos **Anais** Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, 1947. De lá pra cá, pouca coisa se acrescentou a esse esforço pioneiro.

A avalanche de temas e notícias contidos na **Peregrinação** fica notória no quarto volume da coleção, todo ele dedicado a índices temáticos, que incluem, por exemplo, nomes de animais, plantas, comidas, bebidas, ou termos ligados a navegação, clima, economia, negócios, grupos sociais, governo, justiça, armamentos, arte, arquitetura, comunicação, diplomacia, instituições religiosas e outros. O volume de índices é precioso para qualquer leitor atento que busca a informação em detalhe, o nome único no meio de uma infinidade de outras informações, pensando-se, por exemplo, que desde a expansão do império português no Oriente até hoje, os nomes próprios e os nomes geográficos mudaram, e que Fernão Mendes Pinto, usando a imaginação em seu projeto biográfico romanceado, buscou sonoridades próximas para os nomes exóticos que ouviu no Oriente (Xemin de Satão para Smin Thwat, ou Xemin dó para Smin Tho, por exemplo), sem mencionar que andou inventando nomes de cidades e de gentes, quando a literatura falava mais alto do que a historiografia.

É claro que, frente a esse quadro de grandes esforços no campo da história e da filologia, exigir que uma edição ofereça aquilo a que ela não se dedica pode soar a impertinência ou pretensão subjetiva. E de certa forma o é.

Assim como a edição de Jorge Santos Alves não conseguiu transportar para a imagem cartográfica os resultados que colheu na pesquisa histórica, assim também não cuidou de oferecer ao leitor um bom levantamento de pesquisa iconográfica. Nesse sentido, é uma edição sóbria, comedida, pouco generosa no campo visual. As gravuras que servem às capas foram tiradas da edição em holandês de 1653 e da edição em alemão de 1673, ambas publicadas em Amsterdam e pertencentes ao acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa.<sup>2</sup> As quatro capas, consultadas as fontes que lhe deram origem, parecem deixar no leitor a impressão de que tem mais, muito mais a ser visto e apreciado numa vasta tradição de 167 edições da **Peregrinação**, pelo menos até 1992, conforme anota Francisco Leite de Faria.

De toda forma, a edição portuguesa de 2010, referencial daqui para frente, exaustiva tarefa resultante da parceria da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e da Fundação Oriente, ambas de Lisboa, mostra que, a despeito da pequena quantidade de exemplares distribuídos no mercado (o que já tem tornado a edição difícil de ser adquirida), estamos bem aparelhados para a comemoração dos 400 anos da primeira edição do livro. É um Fernão Mendes Pinto como nunca antes tínhamos visto.

## Referências

CATZ, Rebecca. **Cartas de Fernão Mendes Pinto e outros documentos**. Lisboa: Presença/ Biblioteca Nacional, 1983.

CRISTÓVÃO, Fernando (org.). **Condicionantes culturais da literatura de viagens**. Coimbra: Edições Almedina, 2002.

FARIA, Francisco Leite de. **As muitas edições da “Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto**. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1992.

LE GENTIL, C. **Les portugais en Extrême Orient**: Fernão Mendes Pinto, un précurseur de l'exotisme au XVIe siècle. Paris: Hermann et Cie, 1947.

---

<sup>2</sup> Faria (ef. FARIA, 1992, p. 94) identifica a edição em alemão, publicada na Holanda, como de 1671.

